

1

Abertura

1.1

Tentativa de objetivar uma escolha

Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. (Elias 1994:23)

Tomadas de decisão acontecem em momentos peculiares, embora a maioria das vezes resultem de processos lentos, imperceptíveis, à revelia de nossa racionalidade. Assim considerando, esse trabalho pode ser visto como resultado de uma rede de possibilidades, estranhamentos e familiaridades, que foram se articulando e resultando num esboço de pesquisa, num desejo de compreensão que aos poucos foi tomando forma, se delineando, e principalmente, foi criando a necessidade de olhar mais de perto, o que se pensava conhecido.

Depois de anos como professora tinha um olhar acostumado a certas cenas, estava habituada a me portar de certa maneira, em determinados cenários físicos e teóricos. Contudo, num movimento intenso, notadamente nos últimos anos, o que me era dado ver se modificava constantemente, surgindo assim a urgência de novos olhares, tanto em relação a escola, quanto ao meu trabalho. A cada movimento em direção ao empírico, um movimento de igual intensidade me aproximava da teoria, que por sua vez me reconduzia ao empírico, com outras ferramentas, outras indagações.

Poderia me entregar a essa tarefa infinitamente, uma vez que os conceitos de realidade e conhecimento estão referidos à contextos sociais específicos, portanto, passíveis de transformações constantes¹. Busquei então, delimitar meu foco de interesse num objeto de estudo construído, apesar e por causa, da minha familiaridade afetiva e intelectual, como professora e pesquisadora, certa da impossibilidade de separação total, entre as várias esferas sociais das quais sou parte.

¹Berger, P., Luckmann, T. A Construção Social da Realidade, Petrópolis: Editora Vozes, 1976..

Procurei, no entanto, estar atenta aos efeitos que minha participação e familiaridade exerciam no universo pesquisado, e sobretudo, no inverso, aceitando a idéia de que o “antigo sonho positivista da perfeita inocência epistemológica”² seria bastante inadequado hoje, considerando o atual estágio da ciência.

Desde os anos 80 quando iniciei meu exercício profissional, a literatura que orientava minhas reflexões, apresentava uma grande valorização da origem social dos alunos, aliada a estudos psicológicos, o que de certa maneira minimizava a importância das escolas como locais particulares, com possibilidades diferenciadas.

Já na pós-graduação aproximei-me de estudos que atualizavam visões anteriores sobre o fenômeno educativo e, simultaneamente, valorizavam as escolas³.

Mais tarde, ao ingressar no SOCED – Grupo de Pesquisa em Sociologia da Educação da Puc-Rio, tive contato com uma pesquisa, cujo interesse principal era focalizar as características que interagem no processo de produção da imagem de qualidade e excelência de ensino de algumas escolas, frequentemente citadas na mídia, como as de melhores índices de desempenho em exames nacionais e de acesso às universidades públicas do Estado. Com o objetivo de compreender esses processos, engajei-me nas discussões que me levaram a delinear este projeto de pesquisa.

²Citado nas conclusões: BOURDIEU, P. (Coord.) A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 1997.

³João Barroso, João Teixeira Lopes, Antonio Nóvoa, Rui Canário, Pascal Bressoux, Luc Brunet, Agnes Van Zanten, Bernard Lahire e outros.